

## O FUNCIONAMENTO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO DA FALA DE UMA CRIANÇA: UMA APROXIMAÇÃO À LA LANGUE

Cirlana Rodrigues de SOUZA

(Universidade Federal de Uberlândia)

[cirlanarodrigues@yahoo.com.br](mailto:cirlanarodrigues@yahoo.com.br)

*RESUMO: Nosso objetivo é abordar a fala de uma criança de 4 anos como possibilidade de escuta às especificidades de sua constituição psíquica. A saber: seu impasse subjetivo nela manifesto, naquilo que delimitaremos como ritmo e entonação dessa fala. Usaremos os conceitos de fala e língua desenvolvidos por Saussure e a noção de constituição do sujeito pensada a partir da hipótese de Lacan e desenvolvida por Vorcaro como uma estruturação psíquica efetivada pela escrita estrutural no percurso de vir a ser sujeito. Escrita tomada como cifragem do inconsciente cuja lógica é a lógica de la langue.*

*PALAVRAS-CHAVE: língua; fala; sujeito; lalangue.*

*ABSTRACT: Our aim is to approach a 4-year old child's speech as a possibility of listening to the specificities of her psychic constitution. Namely: the subjective impasse she manifests, what is here delimited as rhythm and intonation of this speech. We will use the concepts of speech and language developed by Saussure and the notion of the subject's constitution based on Lacan's hypothesis and developed by Vorcaro as a psychic structure effected through structural writing in the child's way to become a subject. Written taken as encryption of the unconscious whose logic is la langue's logic.*

*KEYWORDS: language; speech; subject; lalangue.*

## Introdução

As elaborações que se seguem têm como base a aposta psicanalítica – na clínica da criança – de que no tempo lógico da infância, no processo de constituição da estrutura psíquica, de constituição do sujeito e de sua posição na ordem do simbólico, as manifestações psicopatológicas devem ser consideradas hipóteses clínicas na medida em que dizem respeito, sim, a impasses subjetivos nesse processo de estruturação, caracterizados por uma estrutura psíquica não resolvida, de acordo com a proposta de Vorcaro (2004).

De modo mais específico, a expressão *impasses subjetivos* é uma alternativa à nossa crença na impossibilidade de um enredamento da criança em um sintagma nominal como “criança psicótica”. Essa nomeação, advinda do campo da linguagem, tiraria da criança aquilo que lhe é singular: o movimento de estruturação, a possibilidade de advir novos arranjos estruturais para o que, na clínica, chamamos de impasses subjetivos. Sendo a psicose uma condição de fracasso subjetivo, ou seja, sem o advento de um sujeito do inconsciente decorrente de sua lógica de estruturação psíquica, na criança não é possível haver a constatação desse fracasso, pois o que há é o próprio processo de estruturação, um sujeito ainda em constituição que não resolveu suas escolhas subjetivas. Dessa forma, o sofrimento psíquico de uma criança nos apontaria para o acontecimento, em seu processo de constituição psíquica, de impasses subjetivos quando a criança não consegue definir-se por uma direção em seus movimentos de subjetivação.

Dentro dessa perspectiva, tomamos a fala de uma criança de 4 anos, em acompanhamento clínico, como escopo deste trabalho para uma possibilidade de aproximação à sua condição psíquica, nela manifesta. De modo geral, a proposta é uma escuta do ritmo e entonação dessa fala que nos possibilitaria uma aproximação à escrita estrutural em seu percurso de vir a ser sujeito. Escrita tomada como cifragem do inconsciente cuja lógica é a lógica de *lalangue*. E é nessa lógica que incide nossa hipótese do funcionamento linguístico que permearia a fala dessa criança.

Para tanto, iremos buscar, nas teorizações de Ferdinand de Saussure acerca da língua, aquilo que poderia colaborar com uma definição estrutural de fala, com ênfase nos jogos opositivos entre os elementos que compõem esse sistema. Na sequência, discorreremos sobre *lalangue* como a lógica do inconsciente e sua aproximação com o funcionamento linguístico tomado como o fundamento da fala. Ao final, traremos recortes de falas da criança para que possamos, a partir de

sua escuta, e pautados nas discussões teóricas, realizar as primeiras incursões analíticas sobre o que nos diz essa criança acerca de sua condição subjetiva, de sua posição de sujeito em constituição, na cadeia simbólica.

## 1. A noção de fala nas elaborações de Ferdinand de Saussure

Tomando por base a definição de língua, como “sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 1995: 18), elaborada no *Curso de Linguística Geral*, e considerando que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 1995: 16, grifo do autor), nossa suposição é a de que as relações de diferença e oposição entre as unidades da língua têm sua possibilidade de realização, no campo da linguagem, na fala. Dessa realização, alguns aspectos da elaboração saussuriana devem ser considerados quando a tentativa de aproximação à constituição psíquica de uma criança é feita por meio de sua fala. Essa tentativa se justifica por ser, a língua, determinante de subjetivação: é por meio dela (e da linguagem) que se dá o advento do simbólico (e imaginário) sobre o corpo da criança, o que possibilita o nascimento de um sujeito, de uma estrutura psíquica.

No *Curso*, a distinção fundamental entre língua e fala diz respeito ao fato de que a língua é social, no sentido de coletiva, e a fala é o ato individual que não entraria em jogo nos estudos da linguagem: “o lado executivo fica de fora, mas a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (*parole*)” (SAUSSURE, 1995: 21). Isto é, um dos aspectos que Saussure atribui à fala, no *Curso*, é a de ser o “lado executivo da língua”, melhor dizendo, de ser executada por um indivíduo que, por meio das escolhas que faz, decide o que é executado. Nessa definição, temos a diferenciação entre fala e língua e a possibilidade de aproximação ao funcionamento da língua por meio da fala que nos é deixada por Saussure quando define a língua como um “tesouro depositado pela prática da fala” (SAUSSURE, 1995: 21).

A partir do recorte que Silveira (2007) faz dos manuscritos de Saussure e de reconhecer a insistência, sob rasuras, do termo fala, verificamos que Saussure não havia resolvido essa oposição entre língua e fala. Todavia, como nos mostra a autora, o importante é a insistência disso que é “rasurado à exaustão” (SILVEIRA, 2007: 137). Uma das rasuras, segundo Silveira (2007), traz a seguinte expressão submersa nos riscos: “*um phénomène normal caractéristique de notre activité*

*linguistique inconsciente*". Inferimos, então, que, na elaboração de Saussure sobre a fala, esta não é inconsciente, mas determinada por um funcionamento inconsciente e que sofreria os efeitos da lógica desse funcionamento. Assim, as "escolhas" que o falante faz não seriam da ordem, apenas, consciente, em que ele escolheria, por exemplo, dentro do arcabouço sintático, morfológico e semântico de determinada língua, o que usar; haveria, nessas escolhas, uma parte inconsciente, um funcionamento inconsciente. Podemos inferir, então, que as escolhas conscientes caberiam ao indivíduo que fala, enquanto as escolhas inconscientes caberiam ao sujeito do inconsciente falante e falado, que advém dos significantes, um dos elementos que integram o signo linguístico.

Outro ponto elaborado por Saussure, no *Curso*, é acerca da noção de sincronia. Sendo a fala o lado executivo da língua, a proposta de Saussure, para os estudos linguísticos, é a realização de um recorte sincrônico no sistema da língua em funcionamento, onde é possível a apreensão do jogo de oposições entre os elementos linguísticos que se realizam na fala, jogo este que determina o valor de um signo. Considerando a fala de uma criança, o recorte que se faz é mesmo este: um recorte sincrônico naquilo que se apresenta do ser, na cadeia de sua fala, pois não se é possível apreender o todo nem da língua nem do ser falante.

É sobre esse jogo de oposições que consideramos um último ponto de Saussure sobre a fala. Ele nos mostra, no *Curso*, que o estudo dos sons da fala – um de seus aspectos que aqui nos interessa –, é o apoio fundamental para o estudo da língua: "é o estudo dos sons através dos próprios sons que nos proporciona o apoio que buscamos [...] o que importa, para a análise, é o jogo dessas oposições" (SAUSSURE, 1995: 43). Dito de outro modo, estudar os sons na cadeia falada, em um recorte momentâneo, é considerar as diferenças fonêmicas que distinguem os elementos dessa cadeia e não esses sons fora dessa articulação. Sobre esse recorte momentâneo, vale ressaltar que nossa referência é sempre acerca de uma lógica de funcionamento e que essa lógica se estabeleceria em posições estruturais, topológicas, conforme a psicanálise lacaniana. Esse recorte nos traria, então, a posição subjetiva da criança: sua posição na cadeia simbólica.

Nosso estudo se sustenta na possibilidade de a fala ser uma realização do funcionamento da língua, onde se efetivariam as relações de oposições sonoras e que poderíamos aproximar do funcionamento de uma sinfonia, no sentido dado por Saussure (1995: 26):

Sob esse aspecto, pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é

executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade.

Ser comparada a uma sinfonia dá à língua uma qualidade essencial ao nosso trabalho: de ser cifrada, de ser escrita em traços sem significação dada *a priori*. Assim, sob a execução do falante, estaria cifrada a língua, aproximada a partir do recorte sincrônico na fala.

Considerando a criança, em seu percurso lógico de estruturação, tomá-la no advento de sua fala como realização inconsciente da língua se sustenta na hipótese levantada por Vorcaro (2004: 136) de que, na clínica da criança, a realidade psíquica é resgatada por meio de suas manifestações que se estruturam como linguagem e que são "atos de escrita que cifra a leitura de sua relação com a alteridade". Nessa cifragem inconsciente (e do inconsciente, considerando que essa alteridade funda o inconsciente a partir dos primeiros traços mnêmicos inscritos no corpo da criança), fazemos um recorte no percurso de constituição do sujeito: um recorte sincrônico em suas inscrições na linguagem, por meio de sua fala. Aqui, interessa o ritmo dessa fala e aquilo que, dela, aproxima-nos do que é mais singular no funcionamento do inconsciente: a sua lógica própria, aquilo que Lacan nomeia de *lalangue*, anterior à unidade da língua, portanto, anterior à fala, e passaremos, então, à definição. Buscar essa aproximação à *lalangue* se sustenta pela necessidade de escutar o que é próprio da criança em impasse subjetivo, já que o que inicialmente se escuta são pedaços de fala advindos de outros que se incorporam à fala da criança sem articulação, portanto, sem diferenciação e separação: o que é singular à sua posição subjetiva de alienação.

De modo mais específico, pensar nesse ritmo e em *lalangue*, como possibilidade de aproximação ao funcionamento linguístico na fala de uma criança em condição de impasse subjetivo, é uma aposta que se sustenta na escuta do sujeito em constituição enredado (e alienado) em sua trajetória de subjetivação à fala do outro (aqui, no sentido lacaniano, como depósito de significantes), alienação que é o fundante de sua subjetivação.

Valemo-nos, então, dessas tentativas diante de nossas vicissitudes enquanto investigadores (DE LEMOS, 2002), escutador da fala dessa criança alienada à fala e ao desejo do outro: mudanças demandadas pela criança em seus movimentos de subjetivação. Pontuamos, brevemente, que essas mudanças seriam próprias do encontro com a criança e que nos mostrariam haver, no percurso dessa criança, algum tipo de alteração, movimentação e não que a criança estaria "atada" em um ponto fixo de seu percurso estrutural. Ou seja, os impasses subjetivos, aqui mencionados, não seriam um ponto fixo, uma parada em uma posição única, mas seriam alterações de idas e vindas nesse

percurso que produziriam um grau intenso (e quase insuportável) de angústia e tensão, na criança e, transferencialmente, também naquele que a escuta, daí sua não resolução.

## 2. *Lalangue*: a lógica do inconsciente

Para Lacan (1985: 190) a lógica do inconsciente (sua organização e princípio de funcionamento) escapa ao falante por ser feita de *lalangue*:

Alíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar. É nisto que o inconsciente, no que aqui eu o suporto com sua cifragem, só pode estruturar-se como uma linguagem, uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, alíngua.

Assim, a linguagem – e suas manifestações, como a fala – é sempre uma hipótese acerca do inconsciente, acerca de *lalangue*: sempre apostamos e fazemos suposições em relação ao sujeito em constituição, sustentados em uma lógica de seu percurso subjetivo cifrado pela língua e manifestado em sua fala. A hipótese é de que isso que é cifrado pela língua e manifesto na fala é um “resto” de *lalangue* que *já está lá*. Melhor dizendo, é do sujeito, de sua condição de vivo mesmo, que ele não o sabe, pois é da ordem do inconsciente. Aqui, afunilamos mais ainda nossa proposta: uma aproximação a restos de *lalangue*, a indícios de sujeito, portanto, de inconsciente, pois que este é da ordem do não saber.

Do percurso subjetivo de estruturação cifrado na sinfonia da língua, interessa-nos seu ritmo e sua entonação como marca singular do sujeito em constituição, para essa aproximação.

Esse ritmo é o ritmo do funcionamento pulsional, em outras palavras, da pulsão como representante psíquica das excitações vindas do interior do corpo da criança e efeito da linguagem sobre o vivo, segundo Freud (1996), e que é tão caro à constituição do sujeito. Esse ritmo, afetado por intensidades psíquicas (por afetos), é uma magnitude que, para Freud (2007: 106), em *Problema econômico do masoquismo*, não é uma questão de quantidade e nem qualidade, mas é “o decurso temporal nas transformações, as elevações e as quedas da quantidade de estímulo”. O que foi escutado, do outro materno, marca uma espécie

de qualidade de afeto e se mistura aos sons que a própria criança emite.

Esses afetos são efeitos da alternância materna, da presença e ausência do outro materno que pode ir da satisfação à angústia, ou seja, afeto como aquilo que advém da pulsão. Na clínica, acompanhar o ritmo da fala da criança também possibilita escutá-la por ser, esse ritmo, manifestação de afeto, portanto, manifestação pulsional de seu decurso, suas elevações e queda no percurso de sua constituição psíquica, ritmo que marca seus movimentos de estruturação.

Assim, para uma aproximação ao funcionamento de *lalangue*, trata-se, antes, de escutar os jogos sonoros que apontam para os traços, as marcas da fala materna sobre esse pequeno corpo: os significantes advindos desse outro materno deixam nesse corpo, por meio de sua musicalidade, um registro psíquico que retornará para o campo da linguagem como uma tentativa de resposta. A questão é mais de impressão sonora nos ouvidos da criança, de uma escrita a partir da alteridade, em que a língua é determinante da subjetividade.

Escutar a criança falando pode ser a possibilidade de escutar alguns traços da manifestação de uma estrutura psíquica em construção, onde o sujeito em constituição pode advir entre jogos de oposições sonoras que se realizam no ritmo de sua fala.

### 3. O funcionamento de *lalangue*

Pensar *lalangue* é pensar na estruturação do inconsciente, em sua organização. Vorcaro (2002: 67), ao delimitar essa estrutura, mostra-nos essa organização:

A incidência do recalque sobre elementos organiza o inconsciente como uma linguagem, ou seja, como uma cadeia feita de elementos cuja unidade significativa varia desde um fragmento do discurso, um segmento de frase até a letra, passando pela palavra, pelo fonema e pelo elemento de pontuação. Tal cadeia é simples escrita, que impede que aquilo que habita o inconsciente possa tomar a palavra. Se o interdito articula o desejo inerente a essa cadeia, veiculado por essa cadeia e constitutivo dessa cadeia, o sujeito não pode apreendê-lo ou articulá-lo. Entretanto, o sujeito pode emprestar-lhe a sua voz, sem que saiba e sem que possa comandá-lo.

Esse sujeito, que não comanda seus dizeres – interditos do inconsciente –, apresenta um *traço identificatório* (segundo a autora retomando Melman): a entonação imprimida pela linguagem maternante. Esse canto da fala realiza uma espécie de gozo pelo

*nonsense*, onde a repetição caracteriza o imprevisto na fala da criança.

Vorcaro (2002) propõe o funcionamento de *lalangue* apoiada na falta como possibilidade de se instaurar a subjetivação, a partir das operações psíquicas de alienação e separação, propostas por Lacan (2008). No tempo da alienação simbólica se presentifica o assujeitamento do ser ao desejo do outro; dessa primeira falta desejanse se reconhece uma anterior, que é a da condição do vivo tocado pela linguagem. Seria estabelecida, assim, uma relação de incompletude, de falta, possibilitando, aí, o advento do sujeito.

Vorcaro (2002: 79) considera ser possível, por meio da "entonação singular, marcada na fala do sujeito", a distinção do que ela nomeia de "resíduos da inscrição da linguagem maternante". Essa é nossa aposta: na entonação da fala de uma criança há sobras, resíduos de *lalangue*, da língua dita materna, segundo Lacan (1985), da língua maternante. Pensar em *lalangue* é, então, pensar em uma falta primordial que funda o sujeito, é pensar em restos que vão sempre retornar nos resíduos da linguagem maternante: na entonação, nas sílabas fortes, nas palavras de outros repetidas pela criança, nos monólogos de berço fora do berço, nos blocos de falas, entre outras ocorrências.

Diante das questões que vão surgindo da fala dessa criança (e diante dessa criança), o funcionamento linguístico que nos interessa é aquele das construções sonoras da fala, seu ritmo, as entoações, o andamento (VORCARO, 2002) dos dizeres que insistem a cada encontro com ela. É por meio dessas combinatórias encadeantes e sonoras que nos aproximamos do sujeito em constituição: de sua língua que é ciframento de *lalangue* e executada pela fala, uma encarnação fonêmica do significante, de acordo com Lacan (1985), que nos possibilita essa aproximação. Mas, para a criança que escutamos, essa encarnação não traz, ainda, a diferença. Traz, sim, a indiferenciação, a alienação em sua condição de impasse subjetivo.

### 3.1. *Lalangue*: efeito que é afeto

De modo geral, as pessoas nos diziam, sobre a criança, que ela "não conseguia se comunicar" e "repetia sempre as mesmas palavras", na escola e no contexto familiar. De sua história, de onde fizemos um recorte, chamou-nos a atenção a fala da avó materna dizendo que ele foi "um bebê apavorado", de choro contínuo e agitado.

Retomando a importância da alternância do outro materno, que abordamos no item 2 deste artigo, como o momento fundamental para determinar o modo de constituir-se sujeito, esse jogo de presença e

ausência determina seu ritmo pulsional como contínuo e agitado. Todavia, sem a resposta a essa invocação do outro, à alteridade, esse ritmo persiste e faz-se sempre o mesmo: princípio de um funcionamento psíquico. É esse circuito contínuo, por não cessar, não ter furo, que se manifesta nos jogos sonoros de sua fala, no ritmo que se repete.

No início das sessões, a criança começa a entoar suas falas, especificamente a cantarolar pedaços de palavras juntando-os em expressões como: "*pissipissipissipissipi*" e "*tátátátátátá*". Esse canto é suave, de elementos curtos e ocorre quando a terapeuta lhe faz indagações. Então, ela começa de forma inaudível e vai aumentando o tom, a intensidade, já de forma lúdica e se dirigindo à terapeuta com esses "cantos de fala", feitos de sílabas sem sentido, cifra de enigmas de *lalangue*, cujos traços identificatórios vão tentando estabelecer uma oposição sonora que nos aproxima de seu ritmo pulsional. Responder à ela, nesse ritmo, foi a possibilidade encontrada de começarmos a fazer laço, pois se apostamos em uma aproximação a *lalangue*, apostamos em um efeito que é afeto, que produz laço. Estabeleceu-se uma alternância entre nossos dizeres pelo acompanhamento desse movimento de falas silábicas, unidas pela sonoridade desses "*pissipissi*" e "*tátátá*". Retomando a definição de fala que abordamos no início deste artigo, como execução momentânea da língua, esse recorte sincrônico feito na fala do menino nos possibilita supor seu ritmo que invoca a alternância do outro, invoca a alteridade como constitutiva.

Os episódios de fala que se seguem foram retirados de sessões do tratamento clínico da criança e se caracterizam por ocorrerem na sequência das entoações silábicas mencionadas anteriormente.

**Episódio 1:** (enquanto manipula brinquedos em uma sacola)

C1: *Qué blin-CÁ? Tô blincan-DO?*

P: *Vamos brincar então.*

C2: *Cê ba-TI no ho-MI?*

P: *Você quer bater no homem?*

C3: *Ba-TÊ DI chine-LO?*

P: *Vai bater de chinelo? Quem vai bater de chinelo?*

C4: *Qué ba-TÊ? Qué blin-CÁ?*

P: *Você vai brincar mais não vai brincar comigo?*

C5: *Blin-CÁ nin-GUÉM?*

C6: *Qué x-iXI?*

P: *Daqui a pouquinho você vai, você foi agora mesmo.*

C7: *De-POIS cê faz xixi?*

**Episódio 2:** (em pé, enquanto empurra um carrinho sobre a mesa da sala)

C10: *QUÉ blin-CÁ nu ho-MI?*

P: *Você quer brincar no homem?*

C11: *Tia Adriana.*

P: *O que aconteceu com a tia Adriana?*

C12: *Bateu. QUÉ blinque-DO. QUÉ ba-TÊ. QUÉ batê.*

P: *Quem bateu?*

C13: *Ba-TEU nu ho-MI.*

P: *Quem bateu no homem?*

C14: *Quan-DU bli-GA Cho-RA?*

P: *Ah, quando a gente briga a gente chora.*

C15: *Blin-CÁ cum ho-MI?*

C8: *BA-teu ma-MÃE?*

P: *Bateu na mamãe?*

C9: *CÊ cho-RA?*

Nos primeiros encontros as entonações eram repetidas, e ainda o são, como nas sequências a seguir: C1: *Qué blin-CÁ? Tô blincan-DO?*; C2: *Cê ba-TI no ho-MI?*; e C3: *Ba-TÊ DI chine-LO?*, sempre aumentando a intensidade na última sílaba de cada palavra. A cada tentativa de resposta às suas interrogações ele retornava ao mesmo ponto de repetir seu ritmo. Mas, lembrando Lacan (1985), é sempre por meio de um efeito de *lalangue* a possibilidade de encontro. Ou seja, começamos por acompanhar esse ritmo sem querer desvendar seu enigma, sem querer dar-lhe respostas.

Nas suas falas escutamos uma repetição do ritmo – de maneira significativa e persistente – marcada na última sílaba de cada palavra, como em: C4: *Qué ba-TÊ? Qué blin-CÁ?*; C5: *Blin-CÁ nin-GUÉM?*; C8: *BA-teu ma-MÃE?*; e C9: *CÊ cho-RA?*. A dificuldade, ao escutá-lo, é sobre não saber se são afirmativas ou interrogativas suas falas. Mas, de fato, o que fazemos é acompanhar essa intensidade, repetir esse ritmo quando nos dirigimos a ele. Também, nessas falas ouvimos a fala de outros, de outrora quando ele era um bebê apavorado, como nos contou a avó e que ele também vai nos contando (e cantando) por que era um bebê apavorado, como em: C10: *QUÉ blin-CÁ nu ho-MI?*; C12: *Bateu. QUÉ blinque-DO. QUÉ ba-TÊ. QUÉ batê.*; C13: *Ba-TEU nu ho-MI.*; C14: *Quan-DU bli-GA Cho-RA?*

O que se escuta, dessa criança, são blocos de palavras, sintagmas em um discurso cujas frases não têm coordenação entre si, não têm relação entre si. O ritmo que se repete dentro de todas as frases parece não estabelecer relação entre essas frases. Não haver relação: essa é mesmo a questão da criança e, sem relação, não há oposição. A pergunta que se coloca, então, é se essas ocorrências sonoras, de ritmo, são de oposições. Esse ritmo pulsional não marca a diferença, marca, sim, a indiferenciação, a não separação entre a criança e o outro, marca sua alienação, o impasse em sua subjetivação. Se essas unidades não engendram, entre si, relações, que língua é essa que a criança fala? O que está sendo executado por esse menino falante? Se o princípio saussuriano sobre língua nos diz não havê-la sem relações de oposição, então, a hipótese, aqui, é que não há língua? Então, o que se apresenta, para nós, é aquilo marcado por uma anterioridade: resíduos de *lalangue*, sobras de tentativas de subjetivação? Dessas questões, ponderamos, neste momento, apenas ser possível apostar no que a criança diz e naquilo a que ela nos possibilita uma aproximação.

Esses trechos nos mostram a repetição insistente em que gira a fala dessa criança. Giro ao redor de brigas, choro, um homem que sempre retorna em suas falas, mas nunca nomeado. Essa repetição aponta para seu enredamento à fala do outro. Mas, a questão é o encadeamento e o ritmo que persiste entre as sílabas e as frases: entoar sempre o mesmo canto é invocar o outro, a alteridade, portanto, a possibilidade de subjetivação. Todavia, inscrevendo-se nesse ponto um impasse subjetivo, essa estruturação para e estando, a criança, presa nessa posição, o que é cantado e entoado por ela é sempre da ordem do mesmo, refutando a diferença. E o que esse ritmo repetido invoca é justamente que se inscreva uma falta, que se faça furo entre seus encadeamentos de fala.

Sendo a posição do menino, aqui escutado, a de alienação subjetiva, o que há nessa estrutura é a emergência de um sujeito, mas em um impasse nesse processo, e é isso o que buscamos em sua fala, pois é nessa escuta que está a possibilidade de advir desse sujeito em constituição.

### Considerações finais

Considerando essas primeiras incursões sobre a fala dessa criança, podemos vislumbrar a necessidade de tomar, de início, o que é do jogo de oposições da língua, que se realizam na fala, como fora do âmbito da interpretação e da inferência de sentidos. A questão é escutar o que é falado e, a partir disso, acompanhá-la em seu percurso de subjetivação. Escuta que nos possibilitará decifrar as marcas deixadas nessa estruturação e seus pontos de enodamento. E, depois disso, a interpretação, o sentido como aposta nesse sujeito.

Levantamos, como hipótese, neste trabalho, a possibilidade da fala ser uma realização do funcionamento da língua, onde se efetivariam as oposições sonoras. Todavia, para essa criança e sua fala a questão que é recorrente, e ainda sem repostada, é que seria possível um funcionamento de língua ali, onde o que haveria seria uma espécie de arremedo desse funcionamento (seu simulacro)? Considerar as relações sonoras, opositivas e pulsionais nessa fala é tentativa de aproximação a *lalangue*, que, para nós, é a lógica que permitiria, a essa criança, sua entrada no funcionamento da língua. Tentativas impostas por uma dinâmica transferencial em que nos encontramos, às vezes, também à deriva, capturados por essa lógica do inconsciente.

### Referências

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 42: 41-42, jan./jun. 2002.

FREUD, S. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 7.

\_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924). In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas de Freud*. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. (1923-1940). Coordenação geral da tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2007. v. 8.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Trad. M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. *Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Org. Charles Baley e Albert Sechehaye. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2007.

VORCARO, A. M. R. Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento linguístico que precede a fala. In: BERNARDINO, L. M. F.; ROHENKONL, C. M. F. (Org.). *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 65-83.

\_\_\_\_\_. *A criança na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.